

# A CONTRIBUIÇÃO DA DISCIPLINA SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Katiane Porto<sup>1</sup>

Jaileila de Araujo Menezes<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar como a disciplina de Sexualidade e Educação contribui para a formação dos pedagogos da Universidade Federal de Pernambuco, identificando as referências teóricas da disciplina para a produção de entendimentos sobre o tema sexualidade e problematizando suas contribuições para prática docente mediante as expressões de sexualidade em sala de aula. Esta pesquisa foi baseada na abordagem pós-estruturalista que entende a sexualidade como um dispositivo histórico e suas implicações nas práticas educativas a partir das relações de saber-poder. A pesquisa seguiu o método qualitativo, utilizando como técnica a análise documental do plano da disciplina que nos auxiliou na elaboração de nossa segunda técnica de análise, a entrevista individual semiestruturada. Foram sujeitos da entrevista oito indivíduos que cursaram a disciplina Sexualidade e Educação, sendo quatro deles já formados e quatro ainda em formação. A análise categorial temática foi a técnica que permitiu a organização e interpretação dos dados das entrevistas. A partir da pesquisa, constatamos que a disciplina e os seus diversos teóricos contribuíram visivelmente para a modificação na forma dos estudantes entenderem o que é sexualidade, bem como os preparou de maneira a intervir e resolver questões relacionadas à sexualidade em sala de aula de modo qualificado. Tais resultados visibilizam a importância da disciplina na formação docente, considerando inclusive suas contribuições aos demais saberes necessários aos pedagogos/as ao longo de todo o curso.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Educação, Pedagogia, Formação docente.

## ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how the discipline of Sexuality and Education contributes to the education of the pedagogues of the Federal University of Pernambuco, identifying the theoretical references of the discipline for the production of understandings on the topic sexuality and problematizing their contributions to teaching practice through the expressions of sexuality in the classroom. The foundations of this research were based on the poststructuralist approach that understands sexuality as a historical device and its implications in educational practices from the relations of know-power. The research followed the qualitative method, using as a technique the documentary analysis of the discipline plan that assisted us in the elaboration of our second technique of analysis, the semi-structured

<sup>1</sup> Concluinte do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: [katiane.porto@gmail.com](mailto:katiane.porto@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais – DPOE – Centro de Educação – UFPE. E-mail: [jaileila.araujo@gmail.com](mailto:jaileila.araujo@gmail.com)

individual interview. Eight individuals who studied the discipline Sexuality and Education were interviewed, four of them already graduated and four still in formation. The thematic categorical analysis was the technique that allowed the organization and interpretation of interview data. From the research, we find that the discipline and its various theorists have contributed visibly to the modification in the way students understand what sexuality is, and prepared them to intervene and solve questions related to sexuality in the classroom in a qualified way. These results show the importance of the discipline in teacher training, including considering their contributions to other knowledge needed by pedagogues throughout the course.

**Keywords:** Sexuality, Education, Pedagogy, Teacher training.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos as discussões sobre os temas referentes à sexualidade passaram a ter ampla atenção e abordagem por diversas áreas da sociedade, merecendo uma maior prudência não somente no universo escolar, mas com máxima intensidade nos espaços voltados à formação de futuros docentes e pedagogos. Isso ficou evidente após a inclusão da diretriz Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino de 1ª a 4ª série do nível fundamental como tema transversal, onde a sexualidade foi reconhecida na formação destes profissionais, destacando que “é necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema” (BRASIL, 1998, p. 303)

O presente artigo traz como foco central "Sexualidade e Educação" e pretende analisar como a disciplina desta temática contribui para a formação dos pedagogos da Universidade Federal de Pernambuco, identificando quais as contribuições teóricas que a disciplina oferece e que proporcionam entendimento acerca da sexualidade e as suas contribuições para prática docente mediante as expressões de sexualidade em sala de aula.

O interesse pelo tema surgiu devido à observação do plano curricular do curso de Pedagogia da UFPE, onde o conteúdo sexualidade é visto como opcional à formação do pedagogo, ou seja, a sexualidade não tem espaço garantido no território de disputas disciplinares da formação docente.

Nossos futuros pedagogos não estão tendo acesso à formação específica explicitada pelos PCN's, uma vez que a disciplina que fornece esse engajamento teórico-metodológico para preparo do profissional diante da complexidade deste tema só é ofertada como matéria

optativa/eletiva no perfil curricular do curso de Pedagogia na UFPE; e ainda assim, não é ofertada todo semestre, participando do currículo de modo precário.

Contudo, uma vez que é ofertada, a disciplina de Sexualidade e Educação visa contemplar a sexualidade humana em seus aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais; intenta analisar e discutir sobre a sexualidade na família, na escola e na mídia; e ainda levar os discentes da disciplina a refletir sobre a sua formação docente quanto ao seu papel na construção da identidade sexual e de gênero dos educandos e o papel da escola face a responsabilidade de educar para a diversidade sexual<sup>1</sup>.

A sexualidade é uma dimensão fundamental à formação humana, “é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúne globalmente como espécie humana” (ALTMANN, 2001, p. 576). A complexidade do tema é tão grande que está presente na escola, na família, na religião, na mídia e em tantos outros campos sociais. É justamente no âmbito escolar onde a criança pode ter o contato com o outro, expressar seus sentimentos, levar suas dúvidas e questionamentos que na maioria das vezes não são esclarecidos pelos pais. De acordo com os PCN’s (1998, p. 292) “a sexualidade 'invade' a escola por meio de atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles”.

A respeito disto, Louro (1999, p. 131) afirma que não podemos negar a existência de expressões da sexualidade no ambiente escolar, pois “elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras e nas aproximações afetivas”. É desta forma que as crianças reproduzem, através de expressões da sexualidade, tudo que se apresentam a elas no dia a dia.

De acordo com Altmann (2001), durante muito tempo surgiram diversas tentativas de se anular a sexualidade, sendo ela ignorada e evitada, e se tornando apenas preocupação escolar a partir do século XVIII, quando ganha dimensão de problema público; até então era “a família a principal responsável pela educação sexual, podendo as escolas, inserir ou não a educação sexual em programas de saúde” (2001, p. 579).

Portanto, não é a partir dos PCNs que a educação sexual surge nas escolas, porém é a partir deles que o tema passa a ser “reinscrito na escola dentro do contexto histórico e demandas atuais” (ALTMANN, 2001, p. 579), a partir do estabelecimento da Orientação Sexual como campo relevante para formação docente.

E é a esta formação que devemos estar atentos. Sobre ela Nóvoa (2003) afirma que:

---

<sup>1</sup> Informações baseadas no plano curricular da disciplina Sexualidade e Educação.

Estamos perante uma realidade nova, sem paralelo na história e o que os pais e a sociedade não conseguem cobrar dos professores. Para além do conhecimento e da cultura, espera-se que ajudem a restaurar dos valores, a impor aos jovens as regras da vida social, a combater a violência, a evitar as drogas, a resolver as questões de sexualidade, etc. (NÓVOA, 2003, p. 14)

Se o currículo do professor não contempla os assuntos referentes à sexualidade, e não contempla as questões da sociedade atual, que formação é essa que os futuros docentes estão tendo? “Para o trabalho docente houve aumento de exigências, mas os cursos de formação, não acompanharam essas mudanças e continuaram formando professores primários nos velhos modelos normativos”. (CASTILHO, 2009. p. 12)

Diante dessas questões, o que interessa é pensar a condição da disciplina – mesmo nessas condições de eletiva – como indispensável à formação do futuro docente, visto que ela consegue através de um preciso conteúdo programático tratar a sexualidade em todos os seus aspectos e como característica principal formar o discente para realizar seu trabalho como educador de forma significativa, preparando-o para a tarefa de trabalhar os “temas polêmicos da sexualidade que abrangem uma compreensão ampla da realidade, demandam estudo, são fontes de reflexão e desenvolvimento do pensamento crítico” (BRASIL, 1998. p. 309).

## **2 DISCUSSÃO TEÓRICA**

A sexualidade é um tema bastante complexo e durante muito tempo foi tratada com certa restrição e receio, e por que não dizer, também nos dias de hoje. Entretanto, nem sempre o trato referente a esta temática foi desta forma. Em sua obra História da Sexualidade I, Foucault (1999) definiu a sexualidade como dispositivo histórico e não apenas biológico; trouxe-nos também uma releitura acerca da sexualidade considerando facetas diferentes das que se tem atualmente onde “as práticas não procuravam o segredo, as palavras eram ditas sem reticência excessiva e, as coisas, sem demasiado disfarce” (FOUCAULT, 1999, p. 09).

Porém, segundo este mesmo autor, essa sexualidade foi cautelosamente sendo confiscada e encarcerada passando apenas a ser socialmente concentrada e reconhecida no papel da reprodução, e o diálogo sobre sexo se tornou restrito aos pais no quarto em suas residências. Para Foucault a sexualidade é ainda:

O nome que se pode dar a um dispositivo histórico: [...] à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1999, p. 100).

Essas estratégias de saber e poder a qual o autor se refere agem diretamente sobre os corpos das pessoas a fim de instituir normas e modelos de vida sob forma de controle da sexualidade. Segundo Foucault (1999), foi a família a primeira instância de controle da sexualidade:

[...]foi na família "burguesa", ou "aristocrática", que se problematizou inicialmente a sexualidade das crianças ou dos adolescentes; e nela foi medicalizada a sexualidade feminina; ela foi alertada em primeiro lugar para a patologia possível do sexo, a urgência em vigiá-lo e a necessidade de inventar uma tecnologia racional de correção. Foi ela o primeiro lugar de psiquiatrização do sexo. Foi quem entrou, antes de todas, em eretismo sexual, dando-se a medos, inventando receitas, pedindo o socorro das técnicas científicas, suscitando, para repeti-los para si mesma, discursos inumeráveis. (FOUCAULT, 1999, p. 114)

Somente no final do século XIX, por questões de saúde, higiene e reprodução, foram instauradas tecnologias de controle onde a sexualidade seria mantida sob vigilância, sendo elas exercidas através de “*técnicas* de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições bem diversas (a família, o Exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades)” (FOUCAULT, 1999, p. 132, grifo do autor).

Louro (2000) vem corroborar com Foucault afirmando a sexualidade como algo histórico que surgiu a partir dos discursos reguladores e normatizadores. Esses discursos aparecem também, e principalmente, no ambiente escolar, como já tratado por Foucault (1999) sendo novamente reafirmados por Louro (2000), no qual a autora os descreve como uma “pedagogia da sexualidade, um disciplinamento dos corpos”, onde “tal pedagogia é muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas quase sempre, eficiente e duradoura” (2000, p. 10).

Essa pedagogia da sexualidade, segundo Louro, ocorre:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça, etc. também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios. (LOURO, 2000, p. 21)

Entretanto, segundo Louro (2000), a escola que deveria ser o local para transmitir e promover o conhecimento, quando se trata da sexualidade esta instituição se torna um local de omissão, “o lugar do desconhecimento e da ignorância” (2000, p. 21).

A autora ainda esclarece que embora haja pelas instituições de ensino esse ocultamento referente à sexualidade esses discursos estão se modificando e se renovando,

deixando de lado os modos conservadores e buscando novas formas de abordar e envolver os indivíduos no resgate de práticas tradicionais. Acrescentando ainda que:

Esses discursos não são, obviamente, absolutos nem únicos; muito pelo contrário, agora, mais do que antes, outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas. Aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas. (LOURO, 2000, p. 22)

Acerca dessa afirmação, Figueiró (2004) analisa que essas novas abordagens e transformações diante da temática e discursos da sexualidade vem afetando a vida das pessoas e suas interações sociais, com um destaque especial para a relação professor-aluno. A autora afirma que, através de observações que realizou nas escolas, pode-se perceber a problemática existente onde, de um lado os alunos expressam cada vez mais aos professores seus desejos e necessidades de saber sobre assuntos que dizem respeito à sexualidade, e do outro, vemos professores que não sabem ou não aprenderam a tratar e ensinar esta temática. E ainda complementa:

A sexualidade é uma das questões que mais tem trazido dificuldades, problemas e desafios aos educadores, no seu trabalho cotidiano de ensinar. A manifestação da sexualidade dos alunos no espaço escolar ou, mais comumente, na sala de aula, está, de modo geral, exacerbada, tendo em vista a forma como a sociedade atual e os meios de comunicação, em especial, abordam-na. (FIGUEIRÓ, 2004, p. 6)

Figueiró (2004) ainda acrescenta que, através de sua experiência e relação direta com professores, “têm mostrado que eles vêm enfrentando muitas situações ligadas à manifestação da sexualidade, que exigem conhecimentos e habilidades específicas e, sobretudo, habilidades para saber aproveitar as oportunidades que surgem, a fim de ensinar a partir delas” (FIGUEIRÓ, 1999 *apud* FIGUEIRÓ, 2004, p. 7).

Essas habilidades específicas são o grande impasse da problemática em sala de aula a respeito da sexualidade. As instituições, tanto de formação docente como as escolas, não estão acompanhando o ritmo das novas abordagens e transformações acerca da temática e discursos da sexualidade. Frente a isso, Nóvoa (2013) afirma que

“[...] é preciso reconhecer as deficiências científicas e a pobreza conceptual dos programas actuais de formação de professores. E situar a nossa reflexão para além das clivagens tradicionais [...] sugerindo novas maneiras de pensar a problemática da formação de professores. (NÓVOA, 2013, p. 11)

Esse processo de formação docente “tem ignorado, sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo ‘formar’ e ‘formar-se’, não compreendendo que a

lógica da actividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação”. (NÓVOA, 2013, p. 10)

Os cursos de formação de novos educadores precisam compreender que “ensinar hoje é diferente do que era há vinte anos” (NÓVOA, 1995 *apud* NÓVOA, 2013, p. 10) e que as dinâmicas, metodologias e disciplinas que fazem parte da formação desse profissional precisam lidar com as transformações sociais que estão acontecendo nos últimos anos, principalmente no que diz respeito à sexualidade e seus dispositivos, tema que está transformando a sociedade bem como o sistema educativo. Ainda segundo Nóvoa (1995 *apud* NÓVOA, 2013, p. 12), como o professor poderá cuidar “[...] do equilíbrio psicológico e afectivo dos alunos, da integração social e da educação sexual [...]” dos mesmos, se em seu processo de formação ele não tiver uma contribuição e aporte teórico para manipulação de tais temáticas?

Dinis (2012) *apud* Altmann (2013) reforça essa afirmação, principalmente referente à educação sexual, onde pontua que esta temática “deve ser incluída no currículo de formação, para que novos/as professores/as possam desenvolver futuramente estratégias de resistência ao currículo heteronormativo” (DINIS, 2012 *apud* ALTMANN, 2013, p. 79). Se a sexualidade deve ser incluída na formação docente, “por que a sexualidade é colocada em discurso dentro das escolas de maneira mais frequentemente do que nos cursos universitários?” (ALTMANN, 2013, p. 79).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia fundamentada no parecer CNE/CP nº 5/2005 dão destaque para formação inicial e continuada desses profissionais, onde a organização curricular do curso deve contemplar e “dar especial atenção à educação das relações de gênero, das relações étnico-raciais, à educação sexual [...] além de outras questões de relevância local, regional, nacional [...]” (BRASIL, 2005, p. 10). O parecer mais recente, CNE/CP nº 9/2009, vem confirmar esse posicionamento, afirmando que os planos curriculares das universidades já estão sintonizados com a formação proposta pelo parecer anteriormente citado.

Segundo Altmann (2013) os cursos de graduação contemplam muito pouco os temas relacionados à sexualidade, e que mesmo as universidades possuindo uma maior autonomia – diferente das escolas – essa autonomia proporciona nos currículos de formação a inclusão ou não da temática de sexualidade. Ela destaca:

Se, por um lado, ela [a universidade] garante que professores sensíveis a essa temática abordem tais questões em suas disciplinas, ou mesmo ofereçam disciplinas específicas sobre ela nos cursos, por outro, também possibilita que um número não

desprezível de professores e outros profissionais conclua a formação superior sem que esses temas tenham sido contemplados. (ALTMANN, 2013, p. 79)

Embora haja a exploração de outras oportunidades educativas, como eventos, cursos de especialização, pesquisas de pós-graduação, etc., como afirma a própria autora, a formação universitária ainda passa por alguns impasses que necessitam ser enfrentados e ir em busca de conhecimentos mais amplos no que diz respeito ao tema da sexualidade – independente do momento histórico que esta temática esteja passando – e de outros temas fundamentais para o processo de formação profissional.

### **3 METODOLOGIA**

Com a intenção de problematizar o contato com os sujeitos da pesquisa, possibilitando o aprofundamento da análise dos sentidos diversos acerca da temática trabalhada, adotamos a pesquisa qualitativa como abordagem metodológica a ser utilizada. De acordo com Minayo (2009), este tipo de abordagem pode ser entendida como uma investigação que trabalha com aspectos que não podem ser quantificados, mas que buscam compreender e explicar a dinâmica das relações sociais.

Dentro das metodologias qualitativas, as técnicas que utilizamos como procedimento de coleta de dados foram análise documental e entrevista individual. Sobre a análise documental, Moreira (2008) define que ela “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim” (MOREIRA, 2008, p. 271). O autor ainda acrescenta que esta ferramenta pode ser utilizada como método e como técnica: “método porque pressupõe o ângulo escolhido como base de uma investigação. Técnica porque é um recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário.” (MOREIRA, 2008, p. 272).

Com relação a técnica da entrevista, Minayo (2009) a define como método mais utilizado no trabalho de campo, podendo ser realizado individual e/ou coletivamente, onde o pesquisador obtém informações a partir da fala dos sujeitos da pesquisa a fim de obter dados objetivos e subjetivos. Ela classifica as entrevistas ainda em diferentes modalidades, sendo elas: sondagem de opinião, entrevista semiestruturada, aberta ou em profundidade, focalizada e projetiva.

Dentre as modalidades citadas, utilizamos a entrevista semiestruturada, visto que nela há uma combinação de perguntas fechadas e abertas o que tornou-se mais produtiva, em função dos objetivos que desejávamos alcançar.



O roteiro de entrevista utilizado, disposto a seguir, foi animado por questionamentos e situações-problema de intervenção representadas a partir de imagens que expressam e representam a diversidade das situações que envolvem as expressões de sexualidade. Essas imagens foram problematizadas com os sujeitos, confrontando-os em relação à forma como agiriam pedagogicamente para resolver as situações-problemas, conforme será discutido mais à frente. O roteiro de entrevista foi elaborado a partir dos conteúdos programáticos da cadeira, e composto por perguntas que nos ajudaram a montar um mapa teórico da disciplina, a partir das respostas dos sujeitos.

Para o primeiro objetivo, que buscou identificar as contribuições teóricas da disciplina, foram delineadas 10 questões. Dentre elas se apresentaram tópicos que abordavam sobre os conteúdos trabalhados ao longo da ciência, os teóricos apresentados, os teóricos que chamaram mais atenção ao sujeito, o que é sexualidade para esse teórico, e o que é sexualidade para o entrevistado. Esses pontos retratados nos auxiliaram significativamente na obtenção de respostas ao objetivo apresentado.

Foram elencadas 5 situações problema e 6 questões para o nosso segundo objetivo, que buscava problematizar as contribuições que a disciplina ofertava no trato das manifestações de sexualidade em sala de aula. As situações problema apresentadas foram de temáticas que envolvem questões de masturbação infantil, diversidade de família, abuso sexual infantil, crianças transgênero e erotização do corpo infantil, seguidas de questionamentos sobre a forma como o sujeito poderia resolver a situação apresentada e onde ele teria aprendido a intervir desse modo.

O critério de escolha para os sujeitos participantes da pesquisa se deu devido à proximidade dos mesmos com relação ao tema do estudo, onde os conhecimentos sobre o assunto estariam ainda avivados nestes indivíduos. Sendo assim, trabalhamos com duas modalidades de elementos:

- Estudantes em formação que já cursaram a disciplina Sexualidade e Educação;
- Pedagogos recém-formados que cursaram a disciplina Sexualidade e Educação.

Além da diversidade em formação trabalhamos também com sujeitos de diferentes gêneros, sendo ao todo, oito indivíduos entrevistados, quatro mulheres e quatro homens. Desses oito, nós tivemos quatro participantes em formação e quatro já formados.

Dentre os sujeitos que estão em formação, sua faixa etária varia entre 21 e 26 anos; se diferenciam também em relação ao semestre que cursam, entre o 2º e o 10º, com maior concentração no turno da tarde.

Já dentre os sujeitos formados, participaram indivíduos com faixa etária entre 29 e 33 anos, estando, a maioria, em situação funcional ativa.

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada sujeito, sendo em sua maioria realizadas no Centro de Educação da UFPE, e apenas uma realizada na residência do entrevistado. As entrevistas realizadas tiveram em média 25 minutos de duração. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, e analisadas segundo a Análise de Conteúdo, de acordo com Bardin (1977). A respeito dessa análise, o autor afirma ser “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Existem várias técnicas, segundo este mesmo autor, que podem ser adotadas para desenvolver a análise de conteúdo, porém a técnica para análise que utilizamos nesta pesquisa foi a Análise Categórica Temática. Bardin (1977) declara que a análise categórica:

Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos directos e simples. (p. 153)

A análise de conteúdo temática pode se organizar em pré-análise, análise vertical, análise horizontal e transversal. Segundo Heineck (2014):

Na pré-análise faz-se a leitura flutuante seguida da leitura repetida para estabelecer relações entre as falas a fim de construir uma síntese para reconhecer as representações, contradições e antagonismos de cada relato. A leitura vertical é realizada para tornar os resultados agressivos significativos, propor inferências e a leitura horizontal volta-se à análise dos objetivos de estudo. A análise transversal permite o reconhecimento dos equívocos/contradições e relações entre as falas que tornam possíveis as interpretações das concepções e criação dos significados. (HEINECK, 2014, p. 84)

Diante do exposto, nos utilizamos da leitura transversal e horizontal para montagem de tópicos e categorias de análise a partir dos objetivos específicos e das falas dos sujeitos frente aos questionamentos levantados, cujo resultados e discussões dessa análise abordaremos a seguir.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Nesta pesquisa buscamos obter informações que nos permitisse analisar as contribuições que a disciplina de Sexualidade e Educação oferece à formação dos estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, atendendo ao objetivo geral deste estudo. Para tanto se fez necessário que nosso roteiro de entrevista abrangesse questões que permeiam desde as contribuições teóricas que a disciplina oferece até a forma desses sujeitos intervirem mediante às expressões de sexualidade em sala de aula.

### **4.1 ANÁLISE DOCUMENTAL DO PLANO DA DISCIPLINA SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO**

O primeiro momento da pesquisa constituiu-se em analisar o plano curricular da disciplina, onde foi realizada uma leitura do documento e selecionados dados importantes para nossa investigação, como a ementa do componente, os objetivos, a metodologia e os conteúdos programáticos.

A partir desses dados levantados o segundo passo foi elencar temas emergentes que a disciplina oferta. Foram identificados os temas: sexualidade humana e seus aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais; discursos sobre sexualidade na família, na mídia e na escola; e o trabalho de orientação sexual na escola.

Para complementar ainda a análise foram elencadas as referências bibliográficas que norteiam a disciplina, sendo elas classificadas em bibliografia básica e bibliografia complementar. A primeira é formada pelos referentes: Foucault, Freud e Louro, que se complementam e abrangem os principais temas levantados na segunda etapa da análise, acima citados. A segunda, como o próprio nome já diz, servem para complementar os estudos acerca das temáticas, sendo encontrados referentes como: Altmann, Parker, Peres e Quadros.

Esses dados obtidos a partir da análise do plano da disciplina nos auxiliaram na elaboração de nosso roteiro de entrevista, cujos resultados dessa técnica serão discutidos a seguir.

## 4.2 IDENTIFICAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DA DISCIPLINA SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Em análise das respostas dadas pelos indivíduos frente às perguntas dispostas no roteiro, relacionadas ao nosso primeiro objetivo específico, que buscou identificar as contribuições teóricas da disciplina para produção de entendimentos sobre o tema sexualidade, os sujeitos nos trouxeram os seguintes referenciais teóricos que circulam nessa disciplina:

- Bourdieu;
- Foucault;
- Freud;
- Guacira Lopes Louro;
- Helena Altmann;
- Jacques Derrida;
- Jimena Furlani;
- Judith Butler;
- Paul Beatriz Preciado;
- Richard Parker;
- Tomáz Tadeu da Silva.

A partir desses autores de referência trazidos por nossos sujeitos, chegamos à compreensão de que a disciplina é uma miscelânea em termos de diversidade teórica, e que nessa coletânea encontramos diversos referentes. Isso fica claro ao confrontarmos as respostas dos sujeitos com o plano da disciplina. Ele é mutável; a cada semestre em que é ofertada a disciplina traz autores, temas e propostas que por vezes não foram abordadas em um semestre anterior; isso porque os temas na sociedade vão surgindo e mostrando novas questões que também precisam ser discutidas.

A inferência que extraímos desse tópico ainda é que esses autores estão alinhados dentro de uma perspectiva estruturalista<sup>2</sup>, e também autores numa perspectiva pós-estruturalista<sup>3</sup>. Isso fica claro ao serem citados Freud e Bourdieu – estruturalistas, e Michel

---

<sup>2</sup> Estruturalismo: corrente metodológica contemporânea cuja ideia central está ligada às estruturas, tendo sua origem na linguística; baseia-se nas relações que constituem a estrutura como um todo e como qualquer modificação nas suas relações afeta essa totalidade. (PETERS, 2000).

<sup>3</sup> Pós-estruturalismo: superação da perspectiva estruturalista e instauração de uma teoria de desconstrução, dando lugar a uma abordagem mais aberta para uma pluralidade de sentidos. (PETERS, 2000)

Foucault, Jacques Derrida e Judith Butler – pós-estruturalistas. Existe um trânsito entre eles no decorrer da disciplina. Existe também uma abordagem nacional quando eles trazem a Jimena Furlani e a Guacira Lopes Louro, por exemplo, que buscam trazer mais a realidade dos estudos da sexualidade articulando com a prática docente brasileiras; não deixando, estas, de serem autoras pertencentes ao pós-estruturalismo, o que pode ser observado através dos estudos de Louro por exemplo, voltados à área de relações de gênero, redes de poder, classe; sendo, portanto, aspectos referentes a teoria foucaultiana.

Ainda é possível identificar contribuições que essa pluralidade ofertou aos entrevistados, tais como a formação crítico-reflexiva, visto que esta é uma das características apreendidas quando se trabalha com teóricos que direcionam seus ouvintes a uma análise de sua realidade histórica, social e cultural.

Além dessa, uma outra pergunta nos ajudou a responder esse objetivo específico, que foi quando perguntamos, não pelo teórico, mas pelo conceito de sexualidade. As definições de sexualidade apresentadas pelos sujeitos nos fazem analisar o quanto essas acepções estão alinhadas a determinados teóricos, como fica claro na fala do sujeito 4, que é profissional:

[...][a sexualidade] é como se fosse um motor, é um motor que me impulsiona para a vida, e aí é bem freudiano, eu acho. Eu sempre acreditei na ideia de Freud que a sexualidade é isso assim, o que nos impulsiona tudo... é a pulsão.

A respeito do posicionamento do sujeito 4, acima citado, podemos trazer uma breve reflexão pautada no que Freud (1905/1996) *apud* Dias (2015) traz acerca da sexualidade, referindo esta como originada desde o nascimento do indivíduo, estando, portanto, inerente ao sujeito; acrescentando ainda como essa sexualidade se manifesta de diferentes formas e diferentes fases de desenvolvimento psicosssexual, sendo elas a fase oral, anal, fálica, latência e genital. Cabe refletir também a respeito da relação que o teórico traz da sexualidade com as pulsões, que muitas vezes são confundidas com os instintos. Freud (1915/1996) *apud* Dias (2015) refere-se aos os instintos são uma força biológica que movem os indivíduos visando fins particulares, específicos. Já a pulsão é como uma relação energética-econômica entre o sistema nervoso e a percepção psíquica, ou seja, uma força que faz com que o organismo se mova para um alvo não específico. É essa pulsão que o sujeito 4 traz em sua afirmação.

Cabe destacar ainda o quanto a disciplina influenciou este sujeito a chegar a esse entendimento acerca da sexualidade por Freud, visto que, por ser uma ciência ofertada pelo departamento de psicologia, a abordagem Freudiana é imprescindível nesse contexto.

Porém, para alguns sujeitos não ficou evidente com quais teóricos suas respostas estão especificamente atreladas, como é o caso do sujeito 2 – estudante, que traz como resposta a seguinte colocação: “Eu responderia, de cara, assim: sou eu, desvio sexual, tesão”. Contudo, se tomarmos essa fala do estudante e a colocarmos sob a ótica de Foucault (1995) podemos perceber o quanto este teórico influenciou na forma desse indivíduo afirmar sua sexualidade, visto que no ponto de vista do autor “os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de “sexualidade””. (FOUCAULT, 1995 *apud* DREYFUS, 1995, p. 232).

Os teóricos elencados pelos participantes contribuíram visivelmente para a modificação na forma desses estudantes entenderem o que é sexualidade; isso é possível de identificar através da análise das respostas dos sujeitos divididas em categorias, nos permitindo reconhecer conceitos psicológico de sexualidade, conceitos que estão pautados no senso comum e conceitos histórico-filosófico de sexualidade, como nos mostram, respectivamente, as falas dos sujeitos 4, 5 e 7:

**Sujeito 4 - profissional:**

A sexualidade ela é um conjunto de sensações que ela está dentro de mim e que me diz daquilo que eu sou, me diz dos meus desejos, das minhas funções, das minhas formas de se expressar, das minhas formas de me vestir [...].

**Sujeito 5 - profissional:**

É um termo amplo né... assim. Eu acho que vai de acordo com cada indivíduo. É como uma ...é algo íntimo sabe. Tem muito a ver com as experiências de cada um entende?! Acho que vai do prazer a algo cultural mesmo.

**Sujeito 7 - estudante:**

Para mim sexualidade sempre era aquilo menino ou menina, homem e mulher, né? E agora eu vejo que sexualidade é uma coisa bem mais abrangente, vai desde o que a gente sente até as questões sociais também estão ligadas a isso, é uma questão não só individual, mas também social. Sexualidade acho que está atrelado a isso também.

É interessante observar como todos eles atrelaram as concepções de sexualidade a si mesmos, uns mais, outros menos. Isso nos leva a refletir no papel que a disciplina Sexualidade e Educação exerceu na vida desses sujeitos, devido ao fato da mesma apresentar e discutir concepções de estudo da sexualidade humana, que vão desde aspectos biológicos a socioculturais, fazendo com que esses estudantes repensem seus valores, receios e preconceitos.

Louro (2008) corrobora com esta colocação quando discute que a sexualidade é uma construção social e cultural, e sempre inacabada, afirmando ainda que por muito tempo essa construção foi pautada de resistências através de instâncias que pareciam ter ensinamentos

absolutos. Contudo, a autora acrescenta, que, transformações são algo inseparável da história e da cultura, e que essas transformações vêm ganhando fôlego ultimamente e desestabilizando antigas verdades. Passaram a ser vividas “relações que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade, de classe ou de raça; [...] as ‘minorias’ sexuais e étnicas passaram a falar mais alto, [...] questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas” (LOURO, 2008, p. 19 e 20). É esse tipo de transformação que é propiciada na disciplina a partir de sua vivência.

Outro ponto significativo que nos foi apresentado na análise se refere à conexão existente entre a disciplina Sexualidade e Educação e outras disciplinas apresentadas pelos entrevistados. Quando questionamos aos sujeitos se eles consideravam que a disciplina fez conexão ou os ajudou de alguma forma com outras disciplinas, eles se posicionaram de forma afirmativa frente ao questionamento, e ainda acrescentaram pontos de encontro e aspectos complementares entre as disciplinas, conforme se apresentam nas falas a seguir.

**Sujeito 1 – estudante**

[...] a gente discutia muito de Movimentos Sociais; falava da questão LGBT... A gente vê claramente a importância dessa disciplina muito ligada a essa outra. [...] vejo o quanto é importante essa disciplina casada com outras.

**Sujeito 3 – estudante**

Fez. Com aquela Aspectos Sócio-afetivos [...] ela falava muito de Freud, do corpo, da parte infantil da criança e eu lembrei logo quando ela falou [...]

**Sujeito 6 – profissional**

Sim. A gente teve uma disciplina logo no começo do curso: Aspectos Sócio-afetivos [...] alguns textos de Freud, [...]tem um texto que eu acho que a gente falou desse mesmo texto na disciplina de sexualidade, [...] as fases, eu acho que a gente discutiu esse mesmo texto de uma forma mais aprofundada né?

**Sujeito 7 – estudante**

Fez. Currículo né, Didática... eu acho que essas. A questão do trabalho de gênero no currículo escolar. Se tem algumas escolas que têm no seu PPP que trabalha com gênero, mas as vezes não coloca em prática, e por aí vai.

**Sujeito 8 – profissional**

Sim, teve. Na mesma época também inclusive eu paguei família, gênero e educação, eletiva. A que mais se aproximou sem ser eletiva foi a de Gestão Educacional talvez [...] por ele ser muito reflexivo e remeter a muitas questões sociais do nosso dia-a-dia então entrava muito a questão da sexualidade, até porque a sexualidade está muito presente né na vida né, está presente no trabalho, está presente na escola, está presente em casa, está presente em todos os lugares.

É possível identificar esse diálogo da disciplina com outras através das temáticas que a mesma envolve; por ser uma ciência que trate todos os aspectos da vida humana não apenas biológico, mas social, cultural, psicológico, entre tantos outros, ela consegue realizar essa multidisciplinaridade.

### 4.3 PROBLEMATIZANDO AS CONTRIBUIÇÕES DA DISCIPLINA PARA O MANEJO DE EXPRESSÕES DE SEXUALIDADE EM SALA DE AULA

Em apreciação às respostas dos sujeitos referentes às perguntas relacionadas ao nosso segundo objetivo específico, que buscou problematizar as contribuições da disciplina para o manejo das expressões de sexualidade em sala de aula, foi possível observar que as diferenças se apresentam na forma como cada um procura intervir e solucionar determinada problemática, cada qual com seu jeito específico. Porém, a maioria traz soluções muito pautadas pelo que foi aprendido na disciplina de Sexualidade e Educação.

As imagens foram apresentadas aos sujeitos no segundo momento da entrevista, após as primeiras indagações acerca do cunho teórico abordado na disciplina. As imagens, cujas problemáticas serão discutidas a seguir, foram de Masturbação infantil e Erotização do corpo infantil, respectivamente, imagens 1 e 2:

Imagem 1



Fonte: Reprodução/Mamãe, como eu nasci? p. 17 e 22  
– Marcos Ribeiro. 3ª edição. Ed. Moderna 2011

Imagem 2



Fonte: site Não sou exposição. TAG: erotização infantil

Quando questionado o que faria frente às problemáticas a ele expostas, o sujeito 1 – estudante, apresenta formas de intervir ligadas ao que a disciplina lhe ofertou, conforme trechos de sua fala em destaque:

#### Sujeito 1 – Estudante:

##### **Problemática da Masturbação Infantil**

Na disciplina a gente discutia muito sobre isso também, de a gente se deparar com uma criança e tal se masturbando.... Tem que tirar a atenção dela para aquele momento.

##### **Problemática da Erotização do Corpo Infantil**

Assim ... na disciplina a gente trabalha em relação a adultização da criança. Criança não brinca e não usa roupa de criança, quer ser como adulto entendeu?! Essa



erotização e tudo mais. Enfim... é complicado, porque por exemplo na sala de aula a gente vê que muitas vezes os pais influenciam [...].

Mesmo com o aprendizado abstraído da disciplina, é possível identificar ainda impasses quanto ao modo de resolver determinadas problemáticas, como na fala do sujeito 1 – estudante, apresentado acima, onde o mesmo acredita ser ‘complicado’ resolver a questão da erotização do corpo infantil.

A partir de Foucault (1999) podemos ver que essa dificuldade se apresenta devido ao fato da sexualidade sempre ter sido um tema restrito, principalmente em uma época onde se tinha uma sociedade bastante conservadora, onde se definia onde, quando e como falar desse tema. Contudo a sexualidade não é algo que se pode ser controlado, ela perpassa todas as instâncias e relações sociais. Louro (1999) corrobora com essa discussão quando afirma que a questão da sexualidade está presente na escola, independente da instituição abordar tal temática ou não, pois a sexualidade se faz presente através das relações interpessoais dos sujeitos, seja através da influência dos professores ou dos próprios estudantes.

Isso nos leva a um questionamento, se para estes indivíduos que participaram da disciplina ainda são surpreendidos por situações difíceis de se resolver, como poderiam os não participantes da mesma disciplina em questão se posicionar diante das expressões de sexualidade?

Face a essa colocação, Figueiró (2009) se posiciona afirmando que “o professor, pela lacuna que existe em sua formação em relação à reflexão sobre sexualidade, muitas vezes sente-se inseguro a respeito do que, quando e quanto falar ao ser questionado pelos jovens sobre o assunto” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 45).

Há ainda a dificuldade de abordagem do tema sexualidade quando se tem crianças como fonte de interpelação; isso porque a sexualidade infantil ainda é pouco explanada e os adultos a veem como temática vedada, mesmo tendo a psicanálise como referência para abordar a sexualidade infantil e conceber a criança como um pequeno “perverso polimorfo”, que segundo Freud (1905/1996) pode vivenciar o prazer de várias formas.

Existe também significativa resistência dos estudantes em trabalhar com a sexualidade infantil por conta da perspectiva adultocêntrica que concebe a infância como uma fase de inocência, sendo a sexualidade um campo que só existe na adolescência/puberdade. Contudo a psicanálise vem afirmar que é nessa fase que há uma ressignificação de algo que se apresenta desde a infância, visto que a sexualidade faz parte do indivíduo desde a sua gênese, como já falado anteriormente.

Outros sujeitos trazem as soluções face à problemática muito vinculadas à sua vivência e experiência de vida, antes mesmo de ser um pedagogo formado, como é o caso do sujeito 3 - estudante, frente também à problemática da erotização do corpo infantil, conforme imagem 2 apresentada anteriormente:

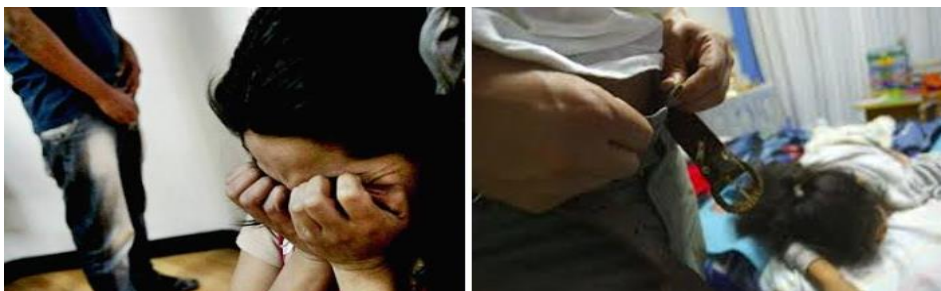
[...] eu posso falar porque eu tive experiência na escola e na sala que eu estava tinha uma menina muito... sabe, querendo ser adulta [...] e a professora e eu também conversei com ela e explicou que ela era ainda uma criança, que quando a idade dela chegar ela vai usar batom forte [...].

Essa erotização infantil pode ser analisada a partir no ponto de vista psico-cognitivo da criança, onde de acordo com Menezes (2016) esta criança “aprende o prazer de ‘ter’ [...] de uma forma bastante empírica” (p. 8) através da influência da mídia por não possuírem certa maturidade psico-cognitiva para identificar através das propagandas o jogo de persuasão existente “travestido da promessa de satisfação de seus desejos” (MENEZES, 2016, p. 8)

Há ainda indivíduos que demonstraram que sua forma de intervir se baseia em conhecimentos e olhares adquiridos após sua formação. O sujeito 4 – profissional, ao ser questionado sobre o que ele faria diante da problemática do Abuso sexual infantil, cuja imagem 3 é apresentada abaixo, afirma que “[...] até mesmo com meu olhar de aluno da psicopedagogia não desconfio”.

Por diversas questões alguns profissionais apresentam dificuldade em abordar temas relacionados a sexualidade, principalmente a infantil. De acordo com Tavares (2015), acredita-se que muitos desses profissionais tenham vivenciado algum trauma que de forma inconsciente resistem em recordar esses episódios. A autora acrescenta ainda que é preciso que os profissionais da educação tenham o olhar mais orientado a identificar quaisquer ocorrências que possam por ventura estar acontecendo com as crianças, para isso é necessário estar na posição de ouvinte e proporcionar parceria com seus alunos.

Imagem 3



Fonte: site [destaqueoeste.net.br](http://destaqueoeste.net.br) e [debatesculturais.com.br](http://debatesculturais.com.br)

Quando se é levantada a indagação aos sujeitos quanto à origem e/ou aprendizado de sua forma de intervir, os entrevistados confirmaram o quanto a disciplina os preparou e aprimorou para lidar com as diferentes situações de expressões de sexualidade na sua prática docente. Isso fica claro ao se analisar as falas dos sujeitos em destaque:

**Sujeito 4 – profissional**

Eu aprendi principalmente com a disciplina de Psicologia da Educação, [...] e também na questão da Sexualidade da Educação, da disciplina, porque ela cria problemáticas que inclusive estão presentes na escola e ela traz para a gente resolver essas problemáticas [...]

**Sujeito 5 – profissional**

Acredito que a disciplina de Sexualidade Educação tenha me ajudado bastante a resolver esses conflitos... A gente debatia muito isso [...]

**Sujeito 6 – profissional**

Eu acho que a disciplina ajudou muito a melhorar como lidar com isso, comigo mesma e como lidar com os outros [...]

**Sujeito 8 – profissional**

Eu aprendi a intervir a partir da disciplina. Com certeza. Porque eu não tinha noção nenhuma de como lidar com isso e foi a disciplina que foi me mostrando, a disciplina de Sexualidade

É importante destacar que a disciplina de Sexualidade e Educação não fornece nenhuma ‘receita’ para lidar com as questões das expressões de sexualidades que são apresentadas no dia a dia do profissional, porém esta ciência traz direcionamentos de como resolver tais problemáticas. É justamente isso que os sujeitos vêm destacar, o quanto a disciplina ajudou a cada um deles a intervir diante das situações adversas que surgiram em seu cotidiano escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que se discutiu, podemos perceber que a sexualidade está presente em tudo em nossa vida desde o dia em que nascemos, porém ainda se é muito restrito e retraído o trato acerca dela, inclusive em âmbitos educacionais onde este tema deveria ter mais liberdade, que são os centros de formação profissional e docente.

As informações extraídas a partir da análise das respostas dos sujeitos, nos fez confirmar e responder nossos objetivos, no que se refere tanto às contribuições teóricas que a disciplina oferece, quanto aos subsídios para o desempenho das diversas expressões de sexualidade em sala de aula.

Não obstante a importância da disciplina para lidar com os entendimentos acerca da sexualidade e as formas e conhecimentos que tornam o indivíduo capaz de resolver e intervir a qualquer problemática que possa surgir, não pode ser mais importante que a urgência que os cursos de formação devem ter em incluí-la em sua grade curricular obrigatória.

No tocante a isso, é imprescindível que os cursos de formação docente, principalmente o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, contexto de nossa pesquisa, se apropriem da importância dessa disciplina como fundamental e indispensável a formação profissional, visto que, através dos relatos apresentados, esta ciência preparou com excelência os seus participantes para o manejo e entendimento das expressões de sexualidade não apenas no âmbito profissional, mas em sua vida social em geral.

Torna-se necessário ainda que outras pesquisas se façam necessárias a partir de aspectos novos antes não vislumbrados, mas que foram descobertos no decorrer do projeto, como a questão da dialogicidade da disciplina de Sexualidade e Educação com outras disciplinas, de forma a dar continuidade à pesquisa realizada.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana* n.13 - abr. 2013 - pp.69-82. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sess/n13/n13a04.pdf>> ISSN 1984-6487.

\_\_\_\_\_. Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, UFSC 2001. Vol. 9, n. 2, p. 575-585.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual. Brasília - MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Parecer CNE/CP nº 5/2005 - Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação 2005. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf)>

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Parecer CNE/CP nº 9/2009 - Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação 2009. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pcp009\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pcp009_09.pdf)>

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977

CASTILHO, Sylvia Amélia Giraldi. A Formação do Perfil do Professor do Século XXI. LINS – SP 2009

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. In: ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação

docente. Sexualidad, Salud y Sociedad – **Revista Latinoamericana** / n.13 - abr. 2013 - pp.69-82.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A Formação de Educadores Sexuais. In: EDUCERE, 2004. Anais Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://pucpr.br/eventos/educere/educere2004/anaisEvento/Documentos/MR/MR-CI0163.pdf>

\_\_\_\_\_. Educação sexual: em busca de mudanças / Mary Neide Damico Figueiró (org.). – Londrina: UEL, 2009. 208p

FOUCAULT, Michel. A história da sexualidade. Vol. 1: A vontade de saber. 12ª ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 1999.

FREUD, S. Três Ensaios Sobre Sexualidade (1905). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, s/d. vol. VII 1996. In: DIAS, Francisco. O Infantil e a Disposição Perversa Polimorfa. 2015. Salvador – Bahia.

\_\_\_\_\_. A Pulsão e suas vicissitudes (1915). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud [ESB]. Rio de Janeiro: Imago, s/d. vol. XIV 1996. In: DIAS, Francisco. O Infantil e a Disposição Perversa Polimorfa. 2015. Salvador – Bahia.

HEINECK, Lucia Helena. Percepção da pessoa com lesão medular sobre os cuidados de enfermagem. Florianópolis – SC. 2014. 129 p.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-posições**, v. 19, n. 2 (56) – maio/ago, 2008

MENEZES, Sandra Maria Moreira. Adultização da infância pela mídia: uma leitura sócio-histórica. **Revista Psicologia Vol. 2** – 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NÓVOA, Antonio. Cúmplices ou reféns? In: CASTILHO, Sylvia Amélia Giraldi. A Formação do Perfil do Professor do Século XXI. LINS – SP 2009

\_\_\_\_\_. Formação de Professores e Profissão Docente. Universidade de Lisboa. Disponível em: < [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf)>

TAVARES, Keila Z. Marinho. A violência sexual e o papel da escola e dos seus profissionais da educação. **Revista Justiça e Cidadania**. Editora JC. 2015. Disponível em:

<[www.editorajc.com.br/2015/12/violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes--e-o-papel-da-escola/](http://www.editorajc.com.br/2015/12/violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes--e-o-papel-da-escola/)>

UFPE – PROACAD. Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação/UFPE. Recife – 2007.

### **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

PETERS, Michael. Estruturalismo e Pós-estruturalismo. Capítulo III do livro: Pós-estruturalismo e filosofia da diferença. Belo Horizonte: Autêntica. 2000. Disponível para download em:  
[http://minhateca.com.br/RHAHU/CATALOGAR/Filosofia/PETERS\\*2c+Michael.+P\\*c3\\*b3s-Estruturalismo+e+Filosofia+da+Diferen\\*c3\\*a7a,909215432.pdf](http://minhateca.com.br/RHAHU/CATALOGAR/Filosofia/PETERS*2c+Michael.+P*c3*b3s-Estruturalismo+e+Filosofia+da+Diferen*c3*a7a,909215432.pdf)